



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Carolina Silva Ferreira da Costa

*O QUE É QUE A GENTE VAI OUVIR HOJE?*

CURTA-METRAGEM

Trabalho de Projeto do Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Professor Doutor Sérgio Dias Branco, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2023

# FACULDADE DE LETRAS

## *O QUE É QUE A GENTE VAI OUVIR HOJE?* CURTA-METRAGEM

### Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Trabalho de Projeto/Projeto
Título	<i>O que é que a gente vai ouvir hoje?</i> – Curta-Metragem
Autor/a	Carolina Silva Ferreira da Costa
Orientador/a(s)	Sérgio Dias Branco
Júri	Presidente: Doutor Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira Vogais: 1. Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco 2. Doutora Manuela Maria Fernandes Penafria
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Área científica	Estudos Artísticos
Especialidade/Ramo	Estudos Fílmicos e da Imagem
Data da defesa	31-10-2023
Classificação	17 valores



## **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer à família da Rádio São Miguel 93.4 FM, Alda, Manuela, Francisca, Sr. Arlindo e Sr. Álvaro, que com muito carinho me acolheram e partilharam as histórias que deram vida a este projeto.

Um agradecimento especial à minha “grande” equipa que com ou sem equipamento, transporte, ou orçamento trabalhou de forma incansável para que este filme visse a luz do dia! Obrigada por toda a dedicação. *O que é que a gente vai ouvir hoje?* é o fruto do nosso esforço em equipa e do trabalho com paixão!

Agradeço também ao meu orientador, Doutor Sérgio Dias Branco por toda a disponibilidade e confiança, e acima de tudo por ter acreditado neste filme desde o início.

Um obrigado ao Sr. Carlos da Secção de Comunicação da Faculdade de Letras, por todo o cuidado na hora da requisição de material.

Agradeço especialmente aos meus pais, Cinda e Zé, por me encorajarem a seguir os meus sonhos e me possibilitarem fazer o que mais gosto. À minha irmã que todos os dias me recorda que “Quem eu sou faz a diferença”.

Ao Tomás, o meu braço direito, que não duvida de mim um segundo, agradeço pela paciência e amor que entrega em cada um dos meus projetos.

À Bart, à Nô e ao Álvaro, pela amizade ao longo destes últimos 5 anos e por tão de perto acompanharam este meu percurso académico.

Agradeço ainda à minha família e amigos, pelo apoio e carinho, em especial pelas boleias e contributos para a realização deste projeto!

Por fim, agradeço a todos os que fazem a Rádio São Miguel 93.4, desde os trabalhadores aos ouvintes, obrigada por manterem as nossas rádios locais vivas! Este filme é vosso!

## RESUMO

### *O que é que a gente vai ouvir hoje?*

*O que é que a gente vai ouvir hoje?* é uma curta-metragem realizada como Trabalho de Projeto Final do Mestrado em Estudos Artísticos, especialização em Estudos Fílmicos e da Imagem. O filme conta a história da Rádio São Miguel 93.4 FM através dos testemunhos de quem lá permanece, desde a sua fundação, ao contacto com os ouvintes e ao papel da mesma no combate ao isolamento e à solidão na terceira idade - enquanto as três mulheres por detrás da emissora nos guiam por entre os recantos da mesma e por entre os encantos de Castanheira de Pera.

O presente trabalho tem como objetivo relatar o desenvolvimento de construção da curta-metragem, desde a conceção da sua ideia inicial até à sua conclusão, abordando todas as fases do processo criativo para a elaboração do projeto e a realização do filme. Busquei ainda refletir acerca das aprendizagens que adquiri ao longo do mestrado que frequentei, que procurei por em prática na conceção do projeto final - explorando detalhadamente cada um dos pontos que, com a teoria e prática que tenho vindo a adquirir ao longo dos anos, me veio a ajudar (conceitualmente e tecnicamente) a construir um trabalho rico, complexo, e sensível a nível artístico, do qual me orgulho e tenciono levar mais longe.

Durante a construção deste trabalho escrito, a minha intenção passou sempre por tentar transparecer, da forma mais clara possível, o caminho percorrido durante o período de criação desta curta-metragem documental - pelo que procurei retratar, de forma detalhada, cada uma das fases que a mesma exigiu (a pré-produção, a produção e a pós-produção) fazendo por incluir referências a inspirações, formação da equipa, alterações na ideia, conceptualização, dificuldades no processo (entre vários outros) até atingir o resultado final, na sua forma definitiva.

**Palavras-chave:** Realização, Curta-Metragem, Documentário, Rádio, Ouvintes

**ABSTRACT*****What's today's song?***

*What's today's song?* is a short film made as a Final Project for the Master's Degree in Artistic Studies, specialization in Film and Image Studies. The film tells us the story of Rádio São Miguel 93.4 FM through the testimonies of those who have stayed there, since its foundation, going through the contact with listeners and its role fighting isolation and loneliness in old age - while the three women behind the station guide us through its nooks and crannies and through the charms of Castanheira de Pera.

The present work aims to report the development of the construction of the short film, from the conception of its initial idea to its completion, covering all phases of the creative process for preparing the project and directing the film. I also sought to reflect on the learning I acquired throughout the master's degree I attended, which I tried to put into practice in the making of the final project - exploring in detail each of the points that, with the theory and practice that I have been acquiring over the years, helped me (conceptually and technically) build a rich, complex and artistically sensitive work, of which I am proud and intend to take further.

During the construction of this written work, my intention was always to try to show, in the clearest way possible, the path taken during the period of creation of this short documentary film - so I tried to portray, in detail, each of the phases that required (pre-production, production and post-production) including references to inspirations, team training, changes to the idea, conceptualization, difficulties in the process (among many others) until achieving the final result, in its definitive form.

**Keywords:** Directing, Short Film, Documentary, Radio, Listeners

**ÍNDICE**

<b>I PARTE - CURTA-METRAGEM <i>O QUE É QUE A GENTE VAI OUVIR HOJE?</i> .....</b>	<b>7</b>
1.1. FICHA TÉCNICA DO FILME .....	8
1.1.1. Equipa .....	8
1.1.2. Especificidades Técnicas .....	8
1.2. SINOPSE .....	9
1.3. ARGUMENTO .....	9
1.4. LINK DE ACESSO AO FILME .....	9
<b>II PARTE - ELABORAÇÃO DO PROJETO .....</b>	<b>10</b>
2.1. NOTA DE INTENÇÕES .....	11
2.2. PESQUISA CINEMATOGRAFICA.....	13
2.2.1. Contextualização: Rádio São Miguel .....	13
2.2.2. Descrição dos Personagens, Lugares e Objetos .....	14
2.3. TRATAMENTO CINEMATOGRAFICO .....	17
2.3.1. Influências .....	17
2.3.2. Abordagem (Narrativa e Temática, Sonora e Visual) .....	18
<b>III PARTE - REALIZAÇÃO DA CURTA-METRAGEM <i>O QUE É QUE A GENTE VAI OUVIR HOJE</i>.....</b>	<b>20</b>
3.1. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DA CURTA-METRAGEM .....	21
3.1.1. Pré-Produção .....	21
3.1.2. Produção .....	23
3.1.3. Pós-Produção .....	25
3.2. ALTERAÇÕES À IDEIA INICIAL DO FILME .....	27

3.3. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO FILME .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
BIBLIOGRAFIA/ FONTES CONSULTADAS.....	33
<b>ANEXOS .....</b>	<b>34</b>
ANEXO I - CARTAZ .....	35
ANEXO II - GUIÃO DE RODAGEM.....	36
ANEXO III - <i>MOODBOARD</i> .....	43
ANEXO IV - CRONOGRAMA DO DIA 3 DE FILMAGENS E LISTA DE MATERIAL .....	44

## **I Parte**

### **Curta-Metragem**

***O que é que a gente vai ouvir hoje?***



## **1.1. FICHA TÉCNICA DO FILME**

### **1.1.1. Equipa**

Realização – Carolina Costa

Produção – Silvia Carballo

Assistente de Produção – Ana Maria Albuquerque

Som – Tomás Oliveira

Câmara – Micael Nisa

Edição e Montagem – Carolina Costa e Tomás Oliveira

Mistura de Som – Tomás Oliveira

Identidade Visual – Tomás Oliveira

### **1.1.2. Especificidades técnicas**

Formato: 16:9 (1:1.85)

Suporte: digital

Duração: 22'40''

Cor

## **1.2. SINOPSE**

A Rádio São Miguel 93.4 FM entra pelas casas e meios de transporte dos seus ouvintes, é a sua companhia diária. Do outro lado do microfone, Manuela Freire é a voz de combate à solidão. Ela guia-nos pelos recantos desta rádio e pela sua história.<sup>1</sup>

## **1.3. ARGUMENTO**

Começa a nossa viagem, a guiar-nos vai o camionista José que inicia agora mais um dia de trabalho. No rádio do seu camião, a Rádio São Miguel 93.4 está prestes a entrar no ar com “A Hora do Camionista”, programa destinado aos que começam o dia cedo pelas estradas de Portugal.

“Bom dia, seja bem-vindo a mais uma hora do camionista!” - É com estas palavras que entramos pelo estúdio onde se encontra Manuela Freire, locutora e diretora da rádio. Manuela é o ponto de ligação de todos os intervenientes da nossa história. Desde os ouvintes ao fundador da rádio.

Manuela conhece praticamente todos os ouvintes, e mantém com eles uma relação de amizade, preocupação e carinho, chegando mesmo a visitá-los nas próprias casas. Esta ligação surge com programas da própria rádio, como a linha aberta, mais conhecida como “discos pedidos”, que faz companhia a muitas pessoas que vivem isoladas e sem ninguém. Este programa e a divulgação da música portuguesa eram dois dos propósitos iniciais do Sr. Fernando Correia Bernardo, que fundou a Rádio São Miguel 93.4 quando tinha 65 anos.

Após a morte do Sr. Fernando em 2022, a rádio ultrapassa agora uma fase de recuperação, em que os filhos do fundador, Alda e o seu irmão, a neta Francisca, e a locutora Manuela tentam continuar a obra que o seu pai, avô e amigo iniciou, de forma a manterem a sua memória viva!

## **1.4. LINK DE ACESSO AO FILME**

<https://drive.google.com/file/d/1Pef7rCaeSz-YlgSg7-czvQyVR8pFQpQE/view?usp=sharing>

---

<sup>1</sup> Cartaz do filme ver Anexo I, p.35

## **II Parte**

### **Elaboração do Projeto**

## 2.1. NOTA DE INTENÇÕES

Rádio. Talvez para as gerações futuras seja algo que não é relevante para o seu dia-a-dia. Em casa, as smart Tvs dão acesso a toda a música e podcasts do mundo, no carro ligam-se os smartphones e podemos escolher instantaneamente o que queremos ouvir. Mas para as gerações dos meus pais e avós, e até mesmo olhando agora para a minha infância, a rádio fazia parte da nossa rotina. Era ao som da rádio que o meu pai me acordava a mim e à minha irmã todos os domingos de manhã, ao som da rádio a minha mãe passava a ferro no sábado à tarde, ao som da rádio viajávamos pelo país, ao som da rádio o meu avô Ricardo dormia a sesta na carrinha, e ao som da rádio o meu avô Luís rezava o terço na cozinha. Não era apenas a música que nos movia a sincronizar na rádio X, mas sim as pessoas que estavam do outro lado do microfone e a forma como nos faziam companhia.

*O que é que a gente vai ouvir hoje?* surge com o propósito de mostrar essa companhia que as rádios oferecem aos seus ouvintes e, no caso específico de rádios como a Rádio São Miguel 93.4 FM, a companhia que os ouvintes fazem também a quem está apenas consigo próprio todo o dia no estúdio. Este filme procura levar o espectador para lá do que se ouve quando ligamos o rádio, comprovando que este meio de comunicação é feito por pessoas e para pessoas.

A história de *O que é que a gente vai ouvir hoje?* é nos contada através dos espaços que visitamos e das pessoas que conhecemos. Manuela Freire é o elo de ligação que une todas as partes da história, é ela que ao início nos recebe no estúdio e é ela que nos entrega às restantes personagens, da mesma forma que um locutor de rádio interliga as músicas e programas da emissão.

Tratando-se a Rádio São Miguel de uma emissora que tanto prioriza os ouvintes, quis transcrever essa ideia para o filme. De referir que a presença de alguns ouvintes como personagens, passou de ser só uma escolha criativa para enriquecer o filme, a uma vontade de eternizar os seus testemunhos, sendo que como no caso específico do Sr. Álvaro e do Sr. Arlindo, senhores já com alguma idade, têm consciência que a qualquer momento vão desaparecer e que nada restará deles cá.

À medida que a produção do filme se foi desenvolvendo cresceu também em mim e em toda a equipa um sentimento de empatia e amizade para com as pessoas que abriram as portas das suas casas e nos receberam sem esperar nada em troca. Procurar conversar realmente com os intervenientes da história foi a resposta correta não só para a evolução do filme, mas também para que tudo transpareça ao espectador tal e qual como é.

O documentário nasce ainda com o objetivo de alertar para o impacto das rádios locais, muitas vezes subvalorizadas, e que apesar de estarem cada vez mais em decadência, têm um grande impacto na comunidade, principalmente no combate ao isolamento, à solidão e ao abandono dos idosos - particularmente os que habitam no interior do país.

O filme procura lembrar o espectador que, apesar do mundo cada vez mais individualizado em que vivemos, a rádio continua a ser uma companheira, e não apenas um meio de transmissão de música e informação.

*O que é que a gente vai ouvir hoje*, para além de expor a realidade de uma rádio local familiar, surge também como forma de desconstruir a ideia de que as pequenas rádios são feitas só de música popular. Elas são feitas de muito mais, e esta história é a prova disso.

## 2.2. PESQUISA CINEMATOGRAFICA

### 2.2.1. Contextualização: Rádio São Miguel

Fernando Correia Bernardo, amante de rádio, música portuguesa e de discos pedidos. Com 65 anos de idade realizou um dos seus grandes sonhos, a de atribuição de dois alvarás de rádio entre 1998 e 1999, fundando assim em 2002 a Rádio São Miguel e a Rádio Pampilhosa, ambas com os seu estúdios situados no concelho de Castanheira de Pera.

O início do percurso destas rádios foi marcado pela resiliência e determinação do Sr. Fernando, sendo que vários foram os desafios que este enfrentou, desde a contestação da atribuição das frequências das rádios por parte de outros candidatos, à falta de luz elétrica no local onde estavam instaladas as antenas de transmissão. Este último obrigava à deslocação diária até a cimo da Serra da Lousã para o abastecimento de um gerador, que permitia por sua vez por a rádio no ar.

Atualmente, com os avanços tecnológicos ao seu dispor, as rádios Pampilhosa e São Miguel tem um alcance de transmissão desde Santarém até ao Porto. No entanto, ultrapassam as barreiras nacionais, chegando até à comunidade portuguesa no estrangeiro, através dos sites oficiais na internet.

A Rádio São Miguel, cuja frequência atribuída pertence a Penela, tem este nome devido ao padroeiro do concelho, São Miguel. Esta rádio é caracterizada pelas 4 horas de linha aberta que permite uma interação próxima com os seus ouvintes. Além disso, distingue-se ainda pela percentagem de música portuguesa que emite – 99%.

Após o falecimento do Sr. Fernando em março de 2022, a sua filha Alda Carvalho assumiu a gerência da rádio. Consigo trabalham ainda Manuela Freire, diretora e locutora, Catarina Silva, locutora, e Francisca Maria, filha de Alda e neta do Sr. Fernando que dá uma ajuda sempre que é preciso.

“A **Rádio São Miguel 93.4 FM** emite durante 24 horas, com produção própria, privilegiando a função de companhia durante a noite e madrugada; a informação composta pelo menos com três noticiários regionais ao princípio e ao fim do dia; uma e outra suportada pelas componentes musical e lúdica, cuidadosamente selecionadas e preparadas.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível no site oficial da Rádio São Miguel em: <https://www.radiosaomiguel.pt/estatuto-editorial/>

## 2.2.2. Descrição dos Personagens, Lugares e Objetos

### Personagens

**Manuela Freire** de 37 anos, nascida e criada em Castanheira de Pera, é locutora e diretora da Rádio São Miguel. Ao contrário de muitos radialistas, Manuela não nasceu no centro da comunicação, foi lhe descobrindo o gosto. Com 19 anos subiu pela primeira vez as escadas para o estúdio da rádio, a fim de começar um part-time, e nunca mais de lá saiu. Sempre com um sorriso no rosto e alma na voz, Manuela conhece praticamente todos os ouvintes da sua rádio, os dias em que ligam e os seus problemas. Para ela a rádio é a sua primeira casa e as pessoas com quem se cruza diariamente a sua família, sem esquecer claro, o seu filho Afonso de 6 anos, que é acarinhado pelos ouvintes mais velhos como se fosse neto.

**Alda Correia**, natural de Castanheira de Pera. Filha de Fernando Correia Bernardo, fundador da rádio São Miguel. Durante vários anos trabalhou como bancária, e em 2018 foi presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera. Anos mais tarde deixou a política de lado para poder acompanhar os seus pais de perto. Infelizmente foi surpreendida com a saúde debilitada do seu pai, que acabou por falecer em 2022, com 85 anos.

Alda, e o seu irmão, não quiseram deixar morrer o sonho do pai e lutam agora para manter vivos três meios de comunicação (Rádio São Miguel, Rádio Pampilhosa e o Jornal Ribeira de Pera) e uma escola de condução. Alda sente-se agora posta à prova, pois nunca trabalhou em comunicação e apesar das mudanças que o tempo exige do meio, ela quer preservar a rádio como o seu pai a deixou.

**Francisca**, filha de Alda e neta do Sr. Fernando, cresceu no meio da comunicação. Desde os 9 anos que faz rádio, por influência do avô. Tendo assistido de perto à evolução da Rádio, é quem nos guia pela paisagem a ela associada. Com 27 anos, Francisquinha, como é conhecida pelos ouvintes, está grávida do seu primeiro bebé, o mais recente herdeiro da Rádio São Miguel.

**Sr. Álvaro**, de 92 anos é ouvinte assíduo da rádio desde os seus primórdios. Vive sozinho na sua casa em Eiras, e a rádio é uma companhia diária, exceto quando vai beber o seu cafezinho ao *Auchan* ou dançar para a *Broadway Danceteria*.

**Sr. Arlindo** foi o primeiro locutor da rádio São Miguel e ajudou a construir a programação da mesma, que até hoje se mantém semelhante em muitos aspetos. Com 75 anos, continua com a mesma garra e dom para a comunicação.

**Sr. José**, de 51 anos, é camionista há 29 anos e desde que se lembra que sincroniza todas as manhãs o rádio do seu camião na Rádio São Miguel para poder ouvir a hora do camionista.

### Lugares

**Estúdio Rádio São Miguel/Rádio Pampilhosa** - Local de trabalho da Manuela Freire. Espaço frio, apenas com os essenciais, mas onde acontece a magia da rádio.

**Jardim Casa da Criança Rainha Dona Leonor** - Espaços onde decorrem as conversas com as três personagens femininas. O contraste do natural com o espaço vazio e fechado do estúdio cria uma ligação mais próxima às mesmas. O elemento Natureza não só retrata uma realidade menos citadina, como serve também de elo de ligação aos espaços exteriores dos emissores da rádio.

**Casa do Sr. Álvaro** - A rádio entra pela casa deste ouvinte diariamente, mas desta vez nós entramos com ela. Espaço pequeno, mas acolhedor, do qual ficamos a conhecer a sala e a cozinha.

**Jardim da Lousã** - À semelhança do espaço onde foi entrevistada Manuela, também o Sr. Arlindo se encontra num espaço exterior, conectando-o visualmente ao grupo de pessoas por detrás da rádio da qual fez parte durante anos.

**S. João do Deserto, Malhadizes e Cabeço do Pião (Locais dos 3 emissores)** - No Alto da Serra da Lousã estão os 3 emissores, em locais estratégicos para a dispersão do sinal da rádio São Miguel. Francisca guia-nos por entre eles, explicando a sua função.

### Objetos

**Mesa de som/ Microfone/ Computador** – Presentes no estúdio da rádio, são as ferramentas que Manuela usa diariamente para levar a emissão para o ar.

**Emissores** – É através deles que a rádio é emitida de norte a sul do país. Situados em S. João do Deserto, Malhadizes e Cabeço do Pião, os três emissores são essenciais para a Rádio São Miguel existir.

**Escoras** – Suportam os ramos da Magnólia do jardim Casa da Criança Rainha Dona Leonor. Esta árvore surge como *background* para a conversa com Manuela Freire. As escoras surgem como uma alegoria ao papel da Manuela na rádio – sustentação.



**Rádio** – Este objeto é o meio essencial para que os ouvintes possam ouvir a emissão Rádio São Miguel, seja o rádio portátil do Sr. Álvaro, ou o rádio do camião do Sr. José.

## 2.3. TRATAMENTO CINEMATOGRAFICO

### 2.3.1. Influências

Embora na construção da ideia narrativa de *O que é que a gente vai ouvir hoje?* soubesse que estava a trabalhar num contexto puramente documental, achei por bem efetuar uma pesquisa por entre todo o tipo de filmes (documentais ou não) que abordassem a temática da rádio.

Os dois primeiros nomes a surgir na minha mente foram *O Lobo Solitário* (Filipe Melo, 2021) e *Good Morning Vietnam* (Barry Levinson, 1987). O primeiro, por ter tido a oportunidade de ver em sala de cinema, e ter ficado sobretudo impressionada com a técnica de câmara usada para transmitir as sensações pretendidas dentro de um estúdio de rádio, assim como compreender quais as possibilidades de captação de imagem num espaço pequeno como um estúdio, sem perder detalhes importantes para a história; O segundo, por ser um nome de referência já há muitos anos, e ter acabado por me inspirar, acima de tudo, visualmente (principalmente no que toca a planos de pormenor dos pequenos elementos que compõem um estúdio de rádio).

Mais aprofundadamente, a procura por filmes documentais que abordassem um tema tão específico como rádios locais foi, de certa forma, muito desafiador, pois a oferta é muito reduzida e acabei por não encontrar nada que, dessa forma, correspondesse ao que eu procurava. Baseei-me acima de tudo nos documentários portugueses que tenho vindo a assistir ao longo dos anos, muitas vezes exibidos em festivais de cinema do país. O maior destaque vai para *Dispersos pelo Centro* (António Aleixo, 2021), não só pela boa disposição de que, inicialmente, estava à procura, mas pela abordagem especialmente cuidada que toma relativamente aos meios pequenos do interior de Portugal, ao contacto direto com as pessoas e à forma descontraída e natural do desenrolar das conversas para com as personagens - pontos que sempre adotei como prioridade para o meu filme.

Ainda *Territórios Ocupados* (José Vieira, 2022) se provou um foco de inspiração, mas a nível mais técnico. Para além de deter uma abordagem similar à que queria adotar no que toca ao contacto com pessoas mais idosas, destaca-se uso de técnicas de filmagem em cinema documental bastante similares às que procurava utilizar no meu filme - desde planos em entrevista, à grandiosidade das paisagens num meio mais rural, como é o caso de Castanheira de Pera.

### 2.3.2. Abordagem

#### **Narrativa e Temática, Sonora e Visual**

*O que é que a gente vai ouvir hoje?* é um filme documental (já que apresenta factos que decorrem na realidade do espectador) de estilo filme-entrevista (uma vez que a sua construção é feita a partir de entrevistas realizadas às personagens). Porém, quase poderia ser considerado “filme-conversa”, porque, como referi anteriormente, conversar realmente com os atores no momento de rodagem é importante para conseguir captar a naturalidade e genuinidade de que o filme precisa. O filme, segundo a proposta do autor Bill Nichols<sup>3</sup>, pode ser ainda classificado como um documentário de modo participativo, querendo isto dizer que o realizador participa no filme, mesmo sem ser filmado - e existe um envolvimento direto, neste caso, realizando as entrevistas.

O filme inicia com a tela completamente escura. Começamos por ouvir um som desconhecido. A tela escura contrasta com o primeiro plano com a luz matinal, o Sr. José está a ajudar na descarga do camião. Amarrar e desamarrar cargas, apertar e desapertar roquetes, assim começa mais um dia de trabalho. Após uma sequência de alguns planos aproximados e de pormenor do Sr. José a trabalhar no interior seu camião, assim como da vista deste espaço para o exterior que o rodeia, um plano do seu rádio revela-nos onde este está sincronizado - na Rádio São Miguel. Ouvimos Manuela Freire a dar as boas vindas aos seus ouvintes, e é através deste som que somos transportados para o estúdio da rádio, onde, através de um plano geral, conseguimos ter a perceção que Manuela está sozinha, assim como o Sr. José.

O espectador explora um pouco o espaço da rádio através dos planos de pormenor dos vários aparelhos e objetos que dele fazem parte, enquanto ouve o som em direto da emissão. Começamos a conhecer a Manuela, que aos poucos nos familiariza com o ambiente da rádio, sendo que vai ser ela a nossa interlocutora principal na narrativa do filme, que é baseada nas conversas com as personagens e entre as personagens.

Partindo do princípio que nenhuma das personagens do filme é ator, o guião escrito para elucidar a equipa acerca das imagens a filmar e do som a gravar, deve ser flexível, já que, para que exista naturalidade nos acontecimentos filmados, é importante existir improvisação. Contudo, apesar das conversas improvisadas e da filmagem em direto dos programas de rádio,

---

<sup>3</sup> Bill Nichols, *Introdução ao Documentário* (Papyrus Editora, 2005), p. 62

“*Modo participativo: enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto.*”

apenas uma cena do filme é reconstituída ficcionalmente - o início do programa “A Hora do Camionista”, de modo a captar de forma precisa a introdução habitual de Manuela Freire - por questões de imagem e sincronização de som, uma vez que este último foi captado por nós (equipa), porém todo o discurso de Manuela é improvisado pela própria. Na hora da captação destes momentos existe um microfone da nossa equipa técnica a captar todos os sons externos à rádio que acontecem dentro de estúdio, e, para além disso, para complemento, foi-nos cedido pela própria Rádio São Miguel o acesso à gravação da emissão direta dos dias de filmagem, de forma a existir mais liberdade, facilidade e qualidade no que toca à fase de pós-produção na construção narrativa, visual e sonora do filme.

Em momentos de entrevista (fora do contexto da rádio) utilizamos um microfone direcional apontado às personagens, posicionado sobre os mesmos com o auxílio de uma perche. A gravação sonora é efetuada já a pensar na remoção da voz do entrevistador, focando-se apenas nos entrevistados. Como forma de contraste, optei por adotar um ambiente sonoro mais silencioso nos espaços exteriores, e mais preenchido em espaços interiores, tendo sempre presente o som ambiente remetente a cada local em questão. Sendo a Rádio São Miguel focada em música popular portuguesa, esta também faz parte da abordagem sonora adotada para o filme.

Pouco a pouco, através da Manuela e da Francisca, ficamos a conhecer os espaços exteriores adjacentes (fisicamente e emocionalmente) à rádio. Nestes, adotamos um modo de filmagem com planos gerais, como forma de demonstrar não só a beleza estética dos espaços e da natureza em Castanheira de Pera e arredores, como também destacar a grandiosidade de determinados elementos, como é o caso dos emissores (neste caso, recorreremos ainda a planos contrapicados). De forma a contrastar e a transmitir também um pouco da intimidade e ligação próxima que existe entre as pessoas associadas à rádio, as filmagens em espaços interiores são fundamentalmente compostas por planos de pormenor e aproximados. As entrevistas, por outro lado, invertem o esquema: As pessoas por detrás da rádio são entrevistadas em meios exteriores, e o ouvinte em interior. No caso das três principais figuras femininas associadas à rádio, encontram-se centradas num plano aproximado, uma vez que estão ligadas ao meio da comunicação - encarando assim a câmara de frente, como encaram o microfone no seu dia-a-dia. As entrevistas aos restantes intervenientes contam com planos de pormenor, grande plano, aproximado, geral e conjunto, já que, para priorizar o fluir da conversa de forma natural, estes foram feitos de uma forma mais discreta e, simultaneamente, objetiva. De referir ainda a iluminação utilizada, que foi sempre natural ou ambientada dentro das condições do ambiente de filmagem.

## **III Parte**

Realização da Curta-Metragem

*O que é que a gente vai ouvir hoje?*

### **3.1. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DA CURTA-METRAGEM**

Para uma melhor organização e clarificação acerca do processo de realização da curta-metragem, dividi o mesmo em três fases: Pré-Produção, Produção e Pós-Produção. Sendo que, a primeira fase teve a duração de 4 meses, a segunda 5 meses e a terceira 3 meses.

#### **3.1.1. Pré-Produção**

Primeiramente, após a tomada a decisão de realizar uma curta-metragem acerca de uma rádio local, procurei informar-me sobre qual a rádio que melhor iria ao encontro do tipo de história que procurava contar. Fiz uma pequena seleção de três rádios (Rádio São Miguel (93.4), Rádio Clube Arganil (88.5) e Rádio Mundial FM (100.5)) que fui acompanhando ao longo de um curto período de tempo. Ao ficar a conhecer melhor a emissão da Rádio São Miguel, percebi que se enquadrava na perfeição dentro dos meus critérios, e decidi avançar com a primeira tentativa de contacto. Ao mesmo tempo, fui formando a minha equipa de produção, a partir de contactos próximos e pessoas disponíveis a ajudar-me no desenvolver do filme. Sem hesitar, a Rádio São Miguel aceitou a proposta, e então seguimos para o processo de reconhecimento do local e contacto direto entre a equipa e as pessoas responsáveis. Logo no primeiro contacto presencial que tive com a Rádio, fui, sem saber, ao encontro de algo mais do que a história que tinha em mente.

Logo, também as responsáveis pela rádio trataram de procurar contactos de ouvintes que poderiam vir a ser uma boa adição ao filme, envolvendo-se também, elas mesmas, neste processo de pré-produção.

Relativamente ao material de filmagem, a equipa pode contar com acesso aos kits disponibilizados pelo Departamento de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra. Eu mesma investi também em algum material essencial, de que iríamos vir a precisar e que não existia na faculdade<sup>4</sup>.

Nesta fase toda a equipa foi acompanhando o processo de construção daquela que seria a ideia inicial do filme, composta pela abordagem narrativa, visual e sonora que abordei no ponto anterior. Apesar de este ser um projeto apenas em meu nome, achei essencial envolver toda a equipa no filme durante o processo de pré-produção também, através de reuniões semanais (presenciais e online). Tentei sempre fomentar a colaboração de todos e o debate acerca de cada uma das ideias a explorar.

---

<sup>4</sup> Lista de Material ver Anexo IV, p.44

Começamos então por um processo de pesquisa, conhecer as pessoas envolvidas na rádio e as suas histórias, ouvir a programação diária da Rádio São Miguel de forma a percebermos o que deveria integrar o filme. Conhecer os locais ao nosso dispor para filmarmos, como o estúdio da rádio e os espaços de natureza ao redor do mesmo. Tivemos ainda a oportunidade de participar numa visita guiada, realizada pela Francisca, pelos sítios físicos importantes para a Rádio São Miguel, tais como os emissores de S. João do Deserto, Malhadizes e Cabeço do Pião. Após a visita procuramos em equipa perceber de que forma conseguimos captar som e imagem nos espaços que iríamos explorar e sustentar a história. A existência de muitos pormenores tanto no estúdio como nos espaços naturais permitiu-me decidir que queria presente no filme planos de pormenor e planos aproximados para que o público pudesse ver de perto cada movimento e cada detalhe do que está à frente dos seus olhos. Ainda relativamente à natureza, decidi também que iríamos utilizar planos gerais que demonstrassem a grandiosidade dos emissores e das eólicas que circundam Castanheira de Pera.

Nesta fase de preparação antes da rodagem, ou seja, na fase de planificação do que iríamos filmar, optei por construir pequenos *moodboards* (ver Anexo III, p. 43 ) com fotografias e vídeos dessas nossas visitas, uma vez que tínhamos muitos contrastes de cores quentes com cores frias, e um espaço muito digital dentro do estúdio em confronto com a natureza do outro lado da janela. Os *moodboards* foram essenciais para perceber de que forma poderíamos conjugar estes fatores.

Relativamente às decisões iniciais de captação de som, falamos com a Manuela Freire para que pudéssemos ter acesso às gravações das emissões durante os dias de filmagem no estúdio. Percebemos ainda de que forma conseguiríamos colocar um microfone para a captação de som direta no estúdio sem que fosse perceptível em câmara.

Testamos ainda a captação de som junto aos emissores, na Serra da Lousã, antes de iniciarmos o processo de filmagem propriamente dito, para perceber como conseguiríamos fazer um bom trabalho sem que o vento forte danificasse o som captado.

Foi também nesta fase que decidi que queria para o filme o enquadramento com as dimensões 16:9 (1:1.85). Este enquadramento permitiu-me um maior aproveitamento da dimensão das cenas filmadas, transmitindo em alguns planos específicos a grandiosidade do que estava a ser filmado<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Exemplo de uma cena do filme [00h07:00].

Tomada a decisão sobre em quais espaços íamos filmar e que personagem iria estar presente em cada um dos espaços que conhecemos em Castanheira de Pera, chegou o momento de perceber como iríamos filmar e interligar na história as outras personagens.

Para facilitar e apoiar o processo de rodagem para toda a equipa, foi também na fase de pré-produção que criei um Guião (ver Anexo II, p.36) que contivesse as indicações técnicas da imagem, som, direção de fotografia e de “atores”.

Optei por não construir um guião com as falas dos personagens uma vez que, procurava um discurso improvisado no momento, com reações genuínas da minha parte e da pessoa que estivesse a falar comigo. De referir que no processo de pesquisa das histórias, tive pequenas conversas com as personagens do filme para perceber quais pontos queria abordar, porém sem referir temáticas que pudessem ser importantes para o filme, de forma a ser perceptível durante as filmagens que aquela história estaria a ser contada pela primeira vez.

Foi importante tanto para mim, como para a equipa, passar algum tempo “fora de câmara” com as pessoas que iríamos entrevistar, para que já estivéssemos familiarizados uns com os outros e assim se desse uma maior “abertura” na hora de conversar em frente à câmara.

Uma vez que, filmamos todo o filme em espaços fora do centro de Coimbra, foi necessário coordenar ainda a logística de transporte de toda a equipa para os locais de filmagem, sendo que a maioria das viagens foi feita nos carros pessoais de membros da equipa. Para tal, contei com a produção da Silvia Carballo e a assistência da Ana Maria Albuquerque para a construção de um cronograma (ver Anexo IV, p. 44 ) para os dias de rodagem.

### **3.1.2. Produção**

Relativamente ao processo de produção, procurei sempre ter todos os membros da equipa presentes para que cada um pudesse focar-se apenas no trabalho que lhe fora destinado, evitando problemas e imprevistos nas gravações – que, se acontecessem, poderiam vir a transmitir alguma insegurança às pessoas com que estávamos a lidar, em contexto de filmagem.

Como já referi no ponto anterior, tentei evitar conversas com os não-atores acerca dos assuntos que queria abordar nas entrevistas, principalmente, no momento de iniciar as filmagens, de modo a suscitar uma conversa mais genuína em tempo real, no momento da rodagem. Apesar de ter perguntas e assuntos previamente selecionados para poder guiar as conversas, esforcei-me para manter um ouvido atento a tudo o que me era dito, pois daí surgiram questões e assuntos que enriqueceram o material captado. Além disso, se o meu olhar e o meu



ouvido não estiverem direcionados e focados para a pessoa em questão, ela conseguia aperceber-se disso, e, conseqüentemente, quebrar o discurso.

Durante a produção, vimo-nos obrigados a lidar com alguns imprevistos, como considero que seja normal acontecer neste tipo de projetos. Houve períodos em que a equipa tinha uma disponibilidade mais limitada para nos deslocarmos até aos locais de filmagem, problemas relativamente a falhas nos transportes que contávamos utilizar, noutras circunstâncias a Secção de Comunicação da Faculdade de Letras não tinha material disponível e até algumas mudanças que nos vimos obrigados a fazer para coordenar a nossa disponibilidade com os períodos de trabalho das locutoras. Tudo isto acabou por atrasar bastante o processo nesta fase, e, conseqüentemente, a seguinte.

Nesta fase de produção realizei uma reunião, apenas com a equipa, antes de cada dia de rodagem – não só para que conseguíssemos, pouco a pouco, limar arestas no que toca ao processo de produção, mas também para avaliar material já captado em dias anteriores e motivar a equipa relativamente ao trabalho que ainda estaria por fazer. Tratando-se de um filme documental, passámos, durante esta fase, por um processo de decisão acerca da nossa presença (equipa) no filme, e, ao fim de experimentarmos uma abordagem Cinema-Verdade (em que os membros da equipa se enquadram como personagens presentes no filme), percebemos que não seria esse o rumo a seguir para a história que queríamos contar, e como o queríamos fazer. Adotamos assim uma abordagem Documentário-Verdade, em que mostramos a realidade das personagens tal como ela é, sem inserir a presença da equipa técnica do projeto no filme.

As filmagens começaram em fevereiro e, após as condicionantes já referidas, foram concluídas em junho (em vez de em maio, como previsto). O processo de produção foi longo, mas, devido à boa preparação que tinha sido feita na fase de pré-produção, revelou-se leve e até um pouco lúdico.

O guião de rodagem foi um bom método para nos mantermos todos em sintonia. Todos os dias de rodagem, antes de partirmos para o local revíamos em conjunto o que íamos filmar, de modo a perceber que alterações íamos fazer e o que estava em falta. Cada membro da equipa era responsável por anotar as indicações necessárias para a realização do seu trabalho. Por exemplo no momento de filmagem do Sr. José a caminhar junto ao camião, o Tomás, responsável pela captação de som anotou que teria que gravar o som dos passos, o som ambiente do local e o som do camião a trabalhar.

### 3.1.3. Pós-Produção

A fase de pós-produção iniciou-se ainda antes de darmos as filmagens por concluídas, sendo que, a partir do momento em que já tínhamos captado a maioria do material, comecei, com o Tomás (também técnico de montagem do projeto) a criar um esboço daquilo que poderiam vir a ser algumas das cenas do filme - também como forma de estimular a minha criatividade no que toca às (várias) decisões técnicas a serem tomadas nesta fase. Ainda nesta altura, fiz um trabalho de transcrição para texto, impressão e recorte de todas as entrevistas essenciais que realizámos, uma vez que considero que poder visualizar e mexer (fisicamente) no projeto para além do ecrã do computador, também me ajuda a desbloquear e melhor perceber o caminho a seguir.

Com o final das filmagens, iniciámos oficialmente o processo de montagem, que se revelou um dos mais complexos por que já passei. Devido à natureza do projeto (e de ter encontrado uma história com um carácter bastante diferente daquele que estava à espera), revelou-se, ao início da pós-produção, um desafio muito grande conseguir encontrar uma linha ténue por onde quisesse levar o filme. Neste tipo de curtas-metragens, a montagem é crucial para aquilo que queremos que o produto final represente, e ter a certeza de que estava a dar a imagem correta de cada um dos intervenientes foi um foco, desde o início - o que, agregado aos restantes fatores, dificultou um pouco o processo. Com este projeto, retiro a certeza de algo que tenho vindo, com o tempo, a testar: Uma boa filmagem leva a uma boa montagem, que por sua vez leva a um bom filme.

Neste e em todos os filmes, muito (cerca de 80%) do material captado acaba por ficar fora do filme final, por entre todas as versões até aí chegar (a primeira versão deste filme tinha 36 minutos, mais 12 do que a final). Acabamos por nos afeiçoar muito ao material, e, com o afunilar do processo, começa a ficar cada vez mais difícil fazer determinados cortes e decidir o que é que se mantém no filme, em prol de um resultado final mais coerente.

Para além da montagem base, foi necessário o uso de algumas máscaras (imperceptíveis na versão final), para cobrir reflexos ou disfarçar zonas captadas com demasiada luz. O toque final, a nível de imagem, foi a correção de cor e o *color grading* - em que procuramos um visual natural, mas com realces nas cores quentes.

Relativamente ao áudio, e tratando-se de um filme com uma grande componente musical, a escolha das músicas sempre foi algo a que demos muita importância - daí a decisão

de o deixarmos em aberto até à da fase de pós-produção, para, visualmente, conseguirmos perceber o que melhor combinaria (assumindo a decisão de usar apenas músicas emitidas na rádio, por entre a gravação da mesma que nos foi fornecida).

A nível de pós-produção do som, ainda antes da mistura, foi feito um tratamento cuidado do áudio que obtivemos da emissão, principalmente quando a ideia era parecer que estava a sair diretamente dos fones da Manuela. Para além da sincronização base, foram adicionadas várias camadas de sons ambiente distintos em cada uma das cenas, de forma a envolver mais o espectador no ambiente do filme. Assim, as faixas de som chegam ao processo de mistura, em que passaram por alguns compressores, ajustes, e foram devidamente equalizadas de maneira a estarem prontas para ser reproduzidas em todo o tipo de sistemas de som.

Encontrar um nome para o filme foi também um desafio, até perceber que estava mesmo à nossa frente. O que é que a gente vai ouvir hoje?, foi o título escolhido para dar nome a esta curta-metragem, uma referência à forma carinhosa como Manuela Freire anota o pedido de música de cada um dos ouvintes, referenciando a forma carinhosa como fomos acolhidos naquela rádio - e a vontade que temos de fazer com que, ao ver o filme, os espectadores, tal como nós, se sintam ouvintes fiéis da Rádio São Miguel, e que sejam tão bem recebidos como nós, e como toda a família de ouvintes.

Após várias versões, decisões criativas e alterações no esquema do filme, o mesmo passou pela fase final de correção de cor e mistura de som, e foi finalizado em setembro.

### 3.2. ALTERAÇÕES À IDEIA INICIAL DO FILME

Após a decisão de fazer o filme sobre a Rádio São Miguel 93.4, e ter recebido uma resposta positiva por parte dos seus gestores, passei alguns dias a ouvir as emissões da rádio. Posteriormente, comecei por construir uma segmentação daquilo que queria que fosse o filme em primeiro lugar. Estabeleci então, os tópicos que gostaria de ver abordados, como a importância da rádio para os seus ouvintes e o seu papel no combate à solidão e ao isolamento, tendo sempre em mente um filme alegre, com histórias de vida e música, que retratasse aquilo que senti quando ouvia as emissões da rádio - familiaridade, confiança, alegria e amizade.

Porém, ao conhecer as três mulheres por detrás da Rádio São Miguel, deparei-me com uma rádio frágil e a recompor-se após a morte do seu fundador. Depois de uma primeira aproximação e um melhor conhecimento da forma de ser de cada uma das três, percebi que o filme não se poderia centrar de forma tão acentuada nos ouvintes, mas sim na rádio e nas pessoas que estavam atrás do microfone todos os dias, a tentar manter vivo o sonho do senhor Fernando.

Estas alterações referidas remetem para um período prévio à elaboração do guião de rodagem. Para esclarecer os pontos que se seguem que por sua vez dizem respeito às alterações realizadas à ideia inicial do filme, já consolidadas durante a fase de produção, ou seja, no decorrer das filmagens, faço uso do guião de rodagem (ver Anexo II, p.36), como fonte de referência das ideias iniciais, e para versão final os *Time Codes* do filme.

#### **O início:**

Da mesma forma que está descrito no início do guião<sup>6</sup>, também o filme inicia com a tela completamente escura [00h00:00], porém ouve-se o som de um empilhador a descarregar o camião, em vez do som dos passos do Sr. José e dos roquetes. Na versão final do filme, estes sons descritos no guião passam no filme para a cena seguinte onde vemos o Sr. José a caminhar ao lado do camião e a fechar o reboque com os roquetes [00h00:25 – 00h01:03].

#### **Passagem do testemunho:**

Quando escrevi o guião tinha em mente que a história se desenrolasse como uma passagem de testemunho, onde cada personagem era introduzida através da personagem anterior. À medida que foram decorrendo as filmagens, e posteriormente no processo de montagem, percebi que a “passagem de testemunho” não seria o caminho ideal a seguir para a

---

<sup>6</sup> p. 1

construção do filme. Em vez de uma passagem de pessoa para pessoa, optei por uma passagem de tópicos. Um exemplo é a cena descrita no guião, quando nos é introduzida a Manuela Freire através do Camionista<sup>7</sup>. Inicialmente, o camião deixaria o espectador em Castanheira de Pera e só aí entraria para dentro do espaço da rádio, por sua vez, no filme, é transportado para este espaço através da voz da Manuela no rádio do camião quando esta dá as boas vindas à Hora do Camionista [00h01:41 – 00h02:36]. A concretização desta cena não foi possível, uma vez que o camião não se conseguiu deslocar até Castanheira de Pera em nenhum dos dias de rodagem.

Uma segunda modificação diz respeito a introdução de Alda no filme. Inicialmente, conforme descrito no guião<sup>8</sup>, ela dirige-se até ao estúdio onde o espectador já está com Manuela, o plano seguinte revelaria Alda no jardim a falar acerca da relação de Manuela com o seu pai, o Sr. Fernando. Por sua vez, no filme Alda não aparece em cena, apenas a sua voz está presente, enquanto a imagem é composta por uma sequência de planos de pormenor do jardim [00h04:21 – 00h05:30]. O facto de ouvirmos apenas a sua voz, procura remeter para os programas de rádio – ouvimos as vozes e imaginamos qual será o seu aspeto físico das pessoas.

Um terceiro e último exemplo da “passagem de testemunho” é o encontro entre o Sr. Álvaro e a Manuela, primeiramente pensado da seguinte forma, o Sr. Álvaro está em casa a ouvir rádio, batem à porta, é Manuela que está lá para o visitar, começa assim a cena de conversa entre os dois<sup>9</sup>. No filme, na sequência que antecede a entrada do Sr. Álvaro [00h15:20 – 00h15:37], Manuela refere no seu discurso que a rádio local permite proximidade com as pessoas e que “entram” todos os dias em casa delas. Isto permite uma passagem literal, onde vemos um plano de Manuela a preparar-se para entrar no jardim da casa do Sr. Álvaro [00h15:41].

### **As personagens:**

Embora inicialmente o plano fosse entrevistar mais do que um ouvinte, percebi mais tarde, já no processo de filmagens, que o envolvimento diário deles na emissão em direto que tínhamos vindo a acompanhar era tão grande, que seria mais enriquecedor para o filme alguns ouvintes serem apenas ouvidos na emissão, como o caso do Sr. José Grilo [00h13:25 – 00h14:36] e do Chefe Luís Afonso [00h20:10 – 00h20:41], dando assim a conhecer um pouco mais de outras pessoas, como o caso do Sr. Arlindo, primeiro locutor da rádio. Uma vez que o Sr. Arlindo me foi apresentado posteriormente à escrita do guião ele não faz parte do mesmo,

---

<sup>7</sup> p. 2

<sup>8</sup> p. 3

<sup>9</sup> p. 5

tendo ainda sido as suas cenas as últimas a serem filmadas. Estas revelaram-se um complemento para o filme, uma vez que ele aborda assuntos como o início da rádio [00h09:37 – 00h10:13].

### **O final:**

Relativamente ao final do filme, a proposta começou por ser, a Manuela terminar o seu horário de trabalho na rádio, enquanto a sua colega entra ao serviço. Manuela coloca a música final da emissão e através de planos das ruas de Castanheira de Pera somos transportados de novo para o camião do Sr. José<sup>10</sup>. Terminando o filme onde começamos. Na versão final do filme segue-se da mesma forma o que está descrito no guião<sup>11</sup>, entramos no Estúdio da Rádio São Miguel, percorremos o espaço através de planos das decorações presentes, enquanto ouvimos o último pedido da emissão de Manuela Freire [00h19:56 – 00h21:19]. Ao contrário da ideia inicial, nós não saímos do estúdio. Assim que a locutora do próximo programa se vai sentar a nossa emissão também acaba. E surge o título do filme.

---

<sup>10</sup> p. 6 e 7

<sup>11</sup> p. 6

### **3.3. NOTAS SOBRE O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO FILME**

Talvez devido à forma e ao meio onde cresci, sempre me considerei uma pessoa de pessoas. Nem sempre muito dada, mas sempre muito interessada e preocupada em estabelecer relações e em dar prioridade às mesmas, porque afinal de contas é disso que vivemos.

Relativamente aos trabalhos que realizo, sempre transcrevi essa noção - principalmente no que toca ao cinema, o que fez com que, acima de tudo, a partir da ideia inicial de fazer um filme sobre uma rádio local, quisesse construir um filme humano, e que retratasse de forma fiel a humildade entre as relações das pessoas com quem estávamos a lidar - desde locutoras a ouvintes.

Durante todo o processo de realização da curta-metragem procurei que se mantivessem as boas relações – equipa e restantes envolvidos. Sem este fator seria muito difícil ter conseguido este “produto” final. A conceção de materiais que agilizassem o trabalho em equipa foi uma das minhas tarefas prioritárias desde o princípio, refiro-me a materiais que já denominei em pontos anteriores, como o guião de rodagem, o cronograma e a lista de materiais.

Deixo ainda aqui referenciadas algumas notas do meu processo de realização desta curta-metragem:

Foi importante a existência de uma pesquisa prévia acerca dos locais onde iríamos filmar, não apenas para compreender os espaços em termos de luz e som, mas também para perceber de que forma conseguiria captar as emoções que procurava.

A “abertura” da equipa para os acasos que pudessem acontecer foi relevante no momento de captação de imagem e som, pois existiram situações que não podemos controlar e no final de contas transmitiram mais realismo ao filme, como o caso da cena em que o Sr. Álvaro torpeça e tosse, mas daí provem o momento em tempo real em que ele liga o rádio e ouvimos “Rádio São Miguel” em direto.

Relativamente à imagem, a preocupação com os detalhes visuais foi uma constante, pois procurei que o espectador tomasse atenção a cada pormenor que está à sua frente

A técnica dos blackouts, inspirada na transmissão de rádio, foi incorporada para criar uma atmosfera sensorial distinta. Além disso, a presença repetitiva da natureza (através de as flores, árvores, entre outros), teve um papel crucial na composição visual do filme, com a intenção de proporcionar um espaço de reflexão ao espectador, acerca daquilo que está a ser dito.

Tratando-se de um filme acerca de uma rádio, fizemos por explorar ativamente o ambiente sonoro - utilizando-o como elemento crucial para suscitar emoções no espectador, e

agregando-a a uma seleção musical que faz por as conseguir amplificar. O som direto da emissão da rádio e os efeitos sonoros foram cuidadosamente escolhidos.

No começo do processo de produção, fiz questão que toda a equipa conhecesse um pouco de Castanheira de Pera, o que fez com que as nossas visitas a locais com significado para a Rádio São Miguel se tornassem numa fonte valiosa de inspiração e compreensão, e, em sintonia com o carácter musical do projeto, sinto que enriqueceram imenso o resultado final.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O que é que a gente vai ouvir hoje?*, considero ser um dos projetos mais desafiantes que realizei. Até à data, tinha trabalhado em cinema documental, acima de tudo, com histórias pessoais que (de uma forma ou de outra) me eram próximas e, de certo modo, quando falamos de projetos artísticos, esse fator tem uma grande influência em todo o processo de construção dos mesmos e na forma como olhamos para eles.

Esta história da Rádio São Miguel não é algo próximo a mim. Não é algo que eu tenha vivenciado ou de que tenha feito parte - o que, inconscientemente, muda por completo a minha visão acerca deste filme. Existe uma maior sensibilidade, medo de dar a entender algo que não era verdade. Sei que a questão ética e moral é sempre questionável neste processo, mas, como pessoa de pessoas, sempre dei e vou continuar a dar prioridade a isso.

Esta é uma história que se passa no centro do país, num espaço e tempo onde muitas vezes as oportunidades são escassas, iria permanecer sem ser contada se eu tivesse optado por outra ideia para este projeto. Como esta, existem outras tantas histórias à espera de ser contadas, e é isso que me faz, ainda mais, ter a certeza de que serei muito feliz a fazer cinema documental.

Sair, conhecer as pessoas, pegar nas suas histórias e poder criar algo bonito com elas faz-me conseguir comparar o processo como o de oferecer um álbum de fotos:

As pessoas entregam-me as fotografias, as suas recordações, eu preparo o álbum, construo o seu princípio meio e fim, escolho cuidadosamente como vou decorar cada página e no final, entrego-lhes para poderem eternizar. As histórias são suas, eu apenas as conto através do meu olhar.

Agora, com o projeto finalizado, sinto que *O que é que a gente vai ouvir hoje?* Não pode ficar apenas por aqui, tenho a confiança que esta história merece ir até aos grandes ecrãs dos Festivais de Cinema do nosso país, e no que depender de mim, irei levar a todo o lado esta história. Uma história que mantém as rádios locais e os seus ouvintes vivos!

## **BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS**

NICHOLS, B. (2005). Introdução ao Documentário. 5ªed. São Paulo: Papirus Editora.

PUCCHINI, S. (2010). Roteiro de Documentário. 2ª ed. São Paulo: Papirus Editora.

PARENT-ALTIER, Dominique. (2014). O Argumento Cinematográfico. 3ª ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lda.

ROSENTHAL, A. (2002). Writing, Directing, and Producing Documentary Films and Videos. 3ªed. Illinois: Southern Illinois University Press.

MARNER. T. (2007).A Realização Cinematográfica. Coimbra: Edições 70

# **ANEXOS**

**ANEXO I – CARTAZ**



Figura 1 – Cartaz de Tomás Oliveira com Fotografia de Micael Nisa

## ANEXO II – GUIÃO DE RODAGEM

### Guião - Projeto Final

*Este guião apresenta apenas ideias chave/propostas de diálogos, uma vez que todas as conversas surgem de entrevistas aos personagens em tempo real de filmagem.*

O filme inicia com a tela completamente escura.

Ouvem-se (O.S.) os passos do Sr. JOSÉ. Está a preparar o camião para seguir viagem. Ouvimos (O.S.) o som de roquetes.

SURGE O SÍMBOLO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA.

EXT. - RUA - MADRUGADA

PLANO GERAL DO SR. JOSÉ A FECHAR O REBOQUE DO CAMIÃO ATRAVÉS DOS ROQUETES.

CORTA PARA UM PLANO APROXIMADO DE UM ROQUETE DO CAMIÃO.

SEQUÊNCIA DE PLANOS DE AÇÕES DO SR. JOSÉ AO LADO DO CAMIÃO.  
PLANO GERAL SR. JOSÉ A ANDAR DE COSTAS EM DIREÇÃO AO TRATOR.  
PLANO APROXIMADO DOS SEUS PÉS A SUBIR AS ESCADAS. PORTA DO CAMIÃO A FECHAR.

INT./EXT. - CAMIÃO - MADRUGADA

GRANDE PLANO DO SR. JOSÉ A LIGAR O CAMIÃO.

GRANDE PLANO DO SR. JOSÉ A LIGAR O RÁDIO.  
Começamos a ouvir uma música popular (O.S.)

SEQUÊNCIA DE ALGUNS PLANOS FILMADOS DESDE O INTERIOR DO CAMIÃO, MAS QUE MOSTRAM O QUE ESTÁ DO LADO DE FORA DAS JANELAS.

A música termina e ouvimos agora a voz de MANUELA FREIRE, a locutora da estação de rádio.

MANUELA FREIRE (O.S.)  
Muito bom dia! Seja bem-vindo à  
nossa hora do camionista! O  
programa dedicado aos que já  
percorrem as estradas do nosso  
país!

2.

PÂNORAMICA SOBRE A SERRA DA LOUSÃ.

MANUELA FREIRE (O.S.) (CONT'D)  
O meu nome é Manuela Freire e vou  
fazer-lhe companhia durante esta  
manhã.

PLANO MUITO GERAL DO CAMIÃO A PERCORRER A ESTRADA DA SERRA DA LOUSÃ.

MANUELA FREIRE (O.S.) (CONT'D)  
Aqui na sua Rádio São Miguel!

*Discurso de Manuela será retirado da gravação direta da emissão da "Hora do Camionista". A realizar no dia destinado às gravações apenas no estúdio da Rádio São Miguel.*

Do interior do camião vemos um pórtico que diz "Castanheira de Pera".

CUT TO: ESPAÇO DA RÁDIO SÃO MIGUEL

INT. - ESTÚDIO DA RÁDIO SÃO MIGUEL - DAY

UM PLANO APROXIMADO DO LADO DE FORA DOS VIDROS DO ESTÚDIO MOSTRA MANUELA FREIRE QUE CONTINUA O SEU DISCURSO DE BOAS VINDAS AOS OUVINTES DA RÁDIO.

PLANOS DE PORMENOR DOS EQUIPAMENTOS DO ESTÚDIO.

Enquanto vemos os pormenores da rádio, como botões, níveis das mesas de som, etc., continuamos a ouvir Manuela (O.S.) a fazer a emissão.

Após alguns planos de pormenor, começamos a ver grandes planos e planos aproximados de elementos do espaço da rádio, que após algum tempo passam a um plano geral que mostra todo o espaço onde nos encontramos.

MANUELA FREIRE (V.O.)  
(improvisado)  
*Algumas questões a fazer à Manuela para incentivar e guiar o seu discurso nesta cena.*  
*De onde vem o seu gosto pela rádio?*  
*Como veio parar à Rádio São Miguel?*  
*Como era a sua relação com o Sr. Fernando?*

3.

O plano geral do espaço ganha novo movimento quando ALDA CARVALHO entra em cena e se posiciona à porta do estúdio onde está Manuela. Alda fica à espera que Manuela coloque uma música no ar para poderem falar.

Manuela levanta-se da sua cadeira e dirige-se até Alda, as duas falam. Não conseguimos ouvir o que dizem. Ouvimos por sua vez Alda (V.O.) a falar do Sr. Fernando, seu pai. Ligando assim o discurso de Manuela com o seu.

ALDA (V.O.)

(improvisado)

*Algumas questões a fazer à Alda para incentivar e guiar o seu discurso nesta cena.*

*Como surgiu a Rádio São Miguel?*

*Como é foi passagem de geração da Rádio, do seu pai para si?*

*Fale-nos um bocadinho do seu pai.*

*Qual a memória mais bonita que tem do seu pai?*

CUT TO: JARDIM CASA DA CRIANÇA RAINHA DONA LEONOR

EXT. - JARDIM CASA DA CRIANÇA RAINHA DONA LEONOR - DAY

Plano aproximado de Alda sentada em frente à câmara, mas não a encara, fala para quem está no espaço (O.S.).

ALDA

(improvisado)

*Algumas questões a fazer à Alda para incentivar e guiar o seu discurso nesta cena.*

*Gosta das pessoas que trabalham na rádio?*

*Depois da morte do seu pai, como foi assumir a liderança da Rádio?*

*A Manuela Freire, teve um papel importante neste processo?*

*Procurar que Alda aborde no seu discurso a forma como a Manuela foi o braço direito do Sr. Fernando ao longo de vários anos.*

Enquanto Alda fala da Manuela e do Sr. Fernando, vemos vamos planos aproximados das escoras que suportam os ramos da Magnólia que está nesse mesmo jardim.

CUT TO: PLANO DE UMA ESTRADA NA SERRA DA LOUSÃ



4.

EXT. - SERRA DA LOUSÃ - DAY

Entra em cena um carro da Rádio São Miguel, passa pela câmara e segue o seu caminho. A câmara permanece parada a vê-lo subir a serra.

Ouvimos (V.O.) uma música da emissão da Rádio São Miguel, enquanto vemos uma sequência de vários planos que mostram a serra, as suas eólicas e as antenas de vários meios de comunicação.

Ao fim desta sequência, surge um plano geral que mostra uma antena, a "casa" onde está o emissor, e o carro da rádio São Miguel.

FRANCISCA sai para fora da "casa", fecha a porta e caminha em direção ao carro. Enquanto isso, ela conta o porquê de gostar de rádio (V.O.).

FRANCISCA (V.O.)

(improvisado)

*Algumas questões a fazer à Francisca para incentivar e guiar o seu discurso nesta cena.*

*De onde veio o teu gosto pela rádio?*

*O teu avô incentivou a tua envolvimento com a comunicação, porquê? De que forma?*

*O que achas que caracteriza a Rádio São Miguel?*

CUT TO: JARDIM CASA DA CRIANÇA RAINHA DONA LEONOR

EXT. - JARDIM CASA DA CRIANÇA RAINHA DONA LEONOR - DAY

*Interliga a conversa filmada com a Francisca, a Manuela e a Alda, umas com as outras.*

Planos aproximados, intercalados, da Francisca, da Manuela e da Alda no Jardim, enquanto estas abordam as características da Rádio São Miguel.

*Assuntos a abordar: A rádio emite 99% música portuguesa e mantém desde o início 4 horas de linha aberta - discos pedidos.*

*Proximidade com os ouvintes.*

As três personagens estão em sítios distintos do jardim, mas são filmadas da mesma forma. São vistas com o mesmo olhar. Apenas muda o *background*, mas todas têm uma coisa em comum, um caminho atrás de si, com o mesmo

CUT TO BLACK.



5.

PUBLICIDADE DA RÁDIO (V.O.)  
Rádio São Miguel, 93.4. Música  
Portuguesa é aqui!

CUT TO:ESTÚDIO DA RÁDIO

Plano aproximado de Manuela no estúdio, se prepara para iniciar a Linha Aberta do dia.

Segue-se uma sequência de vários planos da Manuela no estúdio a realizar os processos que a linha aberta implica, enquanto isso o som direto da cena é intercalado com som das entrevistas onde Manuela e Francisca descrevem o processo.

*Processo: tirar os fones, atender o telefone, apontar o nome e pedido do ouvinte, colocar os fones, ativar o microfone, falar em direto com o ouvinte, desligar a chamada, colocar a música e desligar o microfone.*

Após a explicação (V.O.) vemos Manuela parada, em frente ao microfone e ouvimos apenas o som direto da emissão - um ouvinte a dedicar a sua música.

CUT TO:CASA DO SR. ÁLVARO

INT. COZINHA DO SR. ÁLVARO - DAY

O Sr. Álvaro está na cozinha encostado ao seu rádio. Ouve atentamente a dedicatória que um ouvinte faz em direto na Rádio São Miguel. Termina a dedicatória e começa a música. O sr. Álvaro, distraído, dança.

Batem à porta. Ele dirige a mão até à maçaneta e abre. É Manuela Freire. Ele convida-a para entrar. Os dois estão felizes por se verem.  
Colocam a conversa em dia.

INT. SALA DE ESTAR DO SR. ÁLVARO - DAY

Sr. Álvaro e Manuela estão sentados no sofá, conversam entre si.

*Algumas questões a fazer ao Sr. Álvaro para incentivar e guiar o seu discurso nesta cena em conversa com a Manuela.  
Qual é o seu segredo para a boa disposição e energia?  
Como é que se tornou ouvinte da Rádio São Miguel?  
A quem costuma dedicar as músicas na linha aberta?  
Quando foi a primeira vez conheceu a Manuela, pessoalmente?*

6.

A CONVERSA ENTRE ELES É CAPTADA ATRAVÉS DE VÁRIOS PLANOS APROXIMADOS, DE PORMENOR, GRANDE E MUITO GRANDE PLANOS, DAS MÃOS, ACESSÓRIOS E CARA DOS PERSONAGENS.

CUT TO: JARDIM CASA DA CRIANÇA RAINHA DONA LEONOR

EXT. - JARDIM CASA DA CRIANÇA RAINHA DONA LEONOR - DAY

Manuela, está sentada em frente à câmara, atrás de si está a magnífica Magnólia do jardim, suportada pelas escoras.

Ela fala sobre os ouvintes.

O seu discurso é intercalado com o da Francisca sobre o mesmo assunto.

*Algumas questões a fazer à Manuela e à Francisca para incentivar e guiar o seu discurso nesta cena.*

*Conhece muitos ouvintes?*

*A história mais bonita e a mais engraçada que tem com um ouvinte.*

*Eles procuram conhece-la pessoalmente?*

*Gosta do que faz?*

*Onde se imagina daqui a 10 anos?*

INT. - ESTÚDIO DA RÁDIO SÃO MIGUEL - DAY

Estamos no corredor. Conseguimos ver ao longe Manuela no estúdio. A manhã está quase a chegar ao fim.

Agora, conhecemos melhor o espaço da rádio, através de uma sequência de planos das lembranças afixadas nas paredes e nas prateleiras. São memórias de outros tempos. Dos ouvintes, das locutoras, do Sr. Fernando. Em tempos também eles passaram por ali.

O som ambiente aos poucos permite-nos ouvir a emissão. Manuela está-se a despedir. Termina agora o seu dia de trabalho. Com carinho e alegria ela entrega-nos à locutora da próxima hora e coloca a música final.

PLANO DO SEGUNDO ESTÚDIO DA RÁDIO E DA LOCUTORA CATARINA A SENTAR-SE PARA COMEÇAR O SEU DIA DE TRABALHO E AO FUNDO VEMOS MANUELA A LEVANTAR-SE E A SAIR DO SEU ESTÚDIO.

EXT. - RUAS DE CASTANHEIRA - DAY

Ao som da música vemos uma sequência de vários planos das ruas de castanheira. As ruas não têm muito movimento.

7.

A vila está calma e serena. Um pouco como Manuela quando está em frente ao microfone.

Num último plano começamos por ver a rua vazia, mas logo se vê ao fundo o camião do Sr. José. Quando se aproxima da câmara entramos no seu camião.

INT./EXT. - CAMIÃO - DAY

O Sr. José está a ouvir música em direto da Rádio São Miguel, a mesma música que à instantes Manuela escolheu.

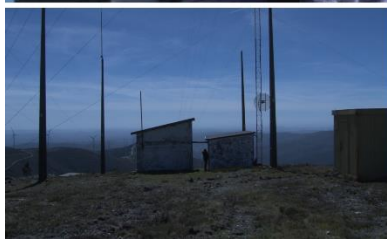
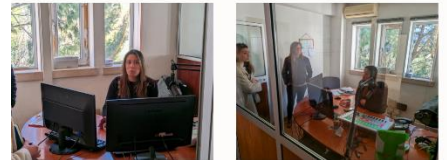
PLANO DO SR. JOSÉ A CONDUZIR. DA SUA JANELA VEMOS A SERRA DA LOUSÃ.

FADE TO BLACK.

NOME DO FILME



ANEXO III – MOODBOARD



**ANEXO IV - CRONOGRAMA DO DIA 3 DE FILMAGENS E LISTA DE MATERIAL**

Função	Equipa	Contacto	Observações Alimentares	Dia 3 de rodagem Vai a Castanheira?
Realização	Carolina	968 710 971	Sem observações	Sim
Produção	Silvia	962 750 730	Sem observações	Não
Assistente de Produção	Ana Maria	933 011 692	Sem observações	Sim
Câmara	Micael	926 843 184	Sem observações	Sim
Som e Montagem	Tomás	965 546 899	Intolerante à Lactose	Sim

Equipamento/Materiais de Rodagem		
Material	Responsável durante as filmagens	Pertence a
Claquete	Ana Maria	Carolina
Câmara Sony Z150	Micael	FLUC
Tripé	Micael	FLUC
Tripé	Micael	Carolina
Gravador Roland R-26	Tomás	FLUC
Pilhas	Tomás	Carolina
Microfone	Tomás	FLUC
Proteção de microfone (preta)	Tomás	FLUC
Fones	Tomás/ Micael	Tomás/ Micael
Extensão (Fones)	Tomás	Tomás
Deadcat	Tomás	Carolina
Perche/ Shockmount	Tomás	Carolina/Tomás
Cabo XLR	Tomás	Carolina
Cartões de memória	Micael/ Tomás	Ana Maria/ Micael/ Tomás
Extensão	Ana Maria	Carolina

Dia de Rodagem - 3				Domingo, 26 de março de 2023			
Horas	Tarefa	Local	Intervenientes				
MANHÃ							
07:00	Reunião com a Equipa	Casa Carolina	Equipa				
08:00	Saída de Coimbra		Equipa				
08:45	Chegada a Castanheira	Edifício da Rádio	Carolina e Ana Maria				
09:00	Encontro com a Alda e com a Manuela						
	Preparação do espaço de filmagem	Jardim Casa da Criança Rainha Dona Leonor	Tomás e Micael				
09:30	Conversa com a Alda		Equipa/ Alda				
10:45	Pausa		Equipa				
11:00	Conversa com a Manuela		Equipa/ Manuela				
12:15	Conversa com a Francisca	Equipa/Francisca					
TARDE							
13:00	Almoço	Restaurante Casmel	Equipa/ Alda/ Francisca				
14:15	Reunir	Edifício da Rádio	Equipa				
14:40	Saída com a Francisca para o Emissores Filmagens	Malhadizes	Equipa/ Francisca				
17:00	Pausa						
17:40	Filmagens	Cabeço do Pião					
19:15	Saída de Castanheira		Equipa				
20:00	Jantar	Casa Carolina	Equipa				
NOITE							
21:00	Backup de som e imagem	Casa Carolina	Equipa				
	Rever as Filmagens						
	Reunião sobre o proximo dia de rodagem						